

## Um Mundo Grande Demais: Psicopatologia do Desenraizamento e Juventude<sup>1</sup>

Sérgio Viana

### INDOLÊNCIA E DESENRAIZAMENTO: A DIFERENÇA ENTRE ‘NÃO FAZER NADA NA VIDA’ E ‘NÃO FAZER NADA DA VIDA’

Como psicólogo clínico, sempre tive grande interesse na questão do desenraizamento, no quadro do meu trabalho, em particular a consulta de Psicologia com jovens em Seia, no interior de Portugal. Ao mesmo tempo, porém, a discussão do desenraizamento tem pouco desenvolvimento teórico em Psicologia e, ainda menos, em estudos de psicopatologia. A minha perspectiva inicialmente era abordar o problema, como é mais convencional, do ponto de vista da falta de um senso de lugar, ou a falta de identificação com o espaço onde se vive a vida. Seia, uma cidade do interior, parecia corresponder inteiramente a este tipo de explicação convencional, segundo a qual os jovens sentem-se afastados de um mundo mais moderno e cosmopolita. No entanto, o desenvolvimento da investigação tornou evidente os limites deste tipo de abordagem, porque o modo de vida atualmente no interior rural, sobretudo no que se refere a padrões de classe média, é também permeado de valores e práticas características do modelo cultural de consumo e tecnologia do mundo de hoje. Como qualquer jovem das grandes cidades e, em qualquer ponto do mundo, um rapaz ou rapariga de Seia podem ter estado a falar online num chat ou blog com alguém, por

1 O artigo tem origem na dissertação de Mestrado em Sociopsicologia da Saúde apresentada em 11 de Novembro de 2011. Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra.

exemplo, na Austrália, antes de chegarem à primeira aula daquela manhã no liceu.

De seguida, tentei, então, explorar o desenraizamento, do ponto de vista de que o próprio desenvolvimento da cultura e comunicação virtual poderia expressar dificuldades de relação com a realidade, ou seja, podemos estar mais próximos virtualmente de lugares longínquos, ou inexistentes, do que do lugar real e povoado de relações sociais onde vivemos. O desenraizamento seria, numa perspectiva que se tornou também uma explicação popular atualmente, a expressão do isolamento social criado pela cultura digital dos media. Esta formulação parece atraente, mas é teoricamente pouco sustentável. A virtualização, hoje, pode ser mais indicativa do crescimento do padrão de complexidade do real do que, necessariamente, um problema de desrealização da realidade vivida e localizada.

De igual modo, comportamentos de solidão, alienação e distímia (Willock, Bohm & Curtis, 2011), ocorrem numa diversidade de situações e não se pode determinar uma definição crítica de desenraizamento dos jovens baseada apenas neste modelo. A noção de desenraizamento que acabei por definir parte de uma diferença entre indolência e desenraizamento. Em ambas as situações, há uma relação improdutiva com a vida, numa cultura que, porém, promove valores produtivistas e julga as pessoas por padrões de sucesso na vida. Em forte contraste com a ideologia produtivista dominante, a realidade de hoje também é caracterizada pelo facto de que muitos jovens demonstram pouco sentido de realização prática de objetivos e projetos de vida. Desta forma, podemos identificar aqui dois comportamentos diferentes: *não fazer nada na vida* e *não fazer nada da vida*. A primeira situação é caracterizada por comportamentos de negligência, preguiça, ou o puro hedonismo e que podemos definir, propriamente, como indolência. Um facto importante é que as pessoas indolentes, nesse sentido alargado, não estão de mal com a vida, pelo contrário, sentem-se muito bem com o que fazem (ou não fazem). Aqueles que parecem estar de mal com a vida são aqueles que *não fazem nada da vida*. O indolente está sempre de bem com a sua indolência, porque a utopia da preguiça e do prazer não tem o sentimento de perda por *não fazer nada na vida*. Em profundo contraste, *não fazer nada da vida* está carregado por um profundo sentimento distópico de perda, ainda que inconsciente. Esta diferença é, na minha leitura, a questão verdadeiramente estruturante e significativa para um conceito crítico de desenraizamento, hoje, no campo da psicopatologia.

E, neste ponto, podemos ganhar maior inteligibilidade da relação entre desenraizamento e a crise de um senso de lugar. Ser desenraizado é, literalmente, quando

as raízes saem da terra. A minha perspectiva, nesta investigação, é que o locus em questão, a quebra de laços com um lugar, não refere necessariamente, o meio social, cultural ou familiar. A crise de lugar que o desenraizamento denuncia é uma crise de relação com o próprio locus da vida aqui. É uma crise de Dasein. Utilizo esta expressão como uma realidade existencial, no sentido da fusão entre vida e mundo, porque a vida é estar no mundo. Esta análise é desenvolvida, em particular, a partir do estudo de três situações: as histórias de três jovens, Luís, Cláudia e Saulo (pseudónimos). Luís é um rapaz de Seia, Cláudia vive no Porto e Saulo no Rio de Janeiro. Os casos de Cláudia e Saulo foram analisados, a partir de estudos que me foram facultados por colegas que acompanham estas situações.

A geografia alargada destes três casos demonstra, além disso, que o desenraizamento é uma questão extensiva, na sociedade do mundo de hoje, e não uma expressão de jovens do interior que sentem que o seu mundo é pequeno demais. Na verdade, a questão crítica fundamental desta pesquisa é que o desenraizamento não é o problema com um mundo pequeno demais, ou a claustrofobia de quem procura horizontes mais vastos, mas justamente o contrário. Estes jovens têm um problema em 'estar aqui', porque, na sua visão psicótica, o mundo, por assim dizer, é grande demais, no sentido em que não conseguem fixar um ponto de apoio que lhes permita fazer demarcações e dizer que esta parte do mundo é minha e que esta é a minha vida. Por isso, em vez da claustrofobia de quem quer libertar-se e sair para o mundo, a tendência aqui é para a reclusão. Como veremos, uma expressão característica da situação destes jovens é passarem a maior parte do tempo no quarto, porque até o apartamento onde vivem é grande demais.

Neste percurso teórico, uma questão tem que ser necessariamente colocada. O problema com o Dasein, o locus da vida, não será, afinal, uma questão presente numa variedade de situações na cultura da juventude atual? Nomeadamente, a toxicodependência e o alcoolismo não serão, em larga medida, precisamente uma falta de raiz no mundo, ou de uma âncora na vida? A perspectiva que desenvolvo é que o desenraizamento constitui, de facto, um problema específico que não pode ser generalizado. Em particular, em nenhum dos três casos especificamente abordados, ou em nenhum dos outros casos em que detectei, no campo desta pesquisa, algum nível de tendência para o desenraizamento, se verificam situações de toxicodependência e alcoolismo. Neste sentido, é muito comum a representação, segundo a qual, com as drogas e o álcool, os jovens destroem as suas vidas, porque não fizeram nada na vida e, em última instância, não fizeram nada da vida. Na verdade, o autodestrutivismo tem

uma grande dimensão no mundo de hoje. E também o desenraizamento, no sentido da definição que estou a seguir, é largamente um caminho de autodestruição. A diferença, porém, é o forte contexto familiar do desenraizado. A toxicodependência e o alcoolismo são situações conhecidas por levarem à ruptura com a família, porque os filhos tornam-se agressivos, são instucionalizados, deixam a casa ou são expulsos pelos pais. No caso do problema que designo de desenraizamento, contudo, a autodestruição dos filhos é vivida no seio da família. O desenraizamento é uma autodestruição que se vive em casa.

A explicação que avanço, neste artigo, é que o desenraizamento reflete problemas no campo da parentalidade, como uma reação específica ao modo como os pais não conseguem estabelecer e comunicar identidade e modelos de referência. Considerando, segundo a minha proposta analítica, que o desenraizamento é uma dificuldade de definir o locus da vida, o problema não se reduz, por isso, simplesmente a uma falta de identificação com a família. Muitas pessoas que não se dão bem com a família vão-se embora, como acontece com muitos jovens que, como eles próprios dizem, estão loucos para deixar a casa dos pais. E, frequentemente, muitos pais, mesmo que sejam menos explícitos, também estão loucos para que os filhos se vão embora. No caso de desenraizamento, porém, ninguém sai. Uma imagem que pode fornecer o sentido desta diferença, como o significado último do desenraizamento, é o caso de uma árvore que foi derrubada por uma tempestade. As raízes saem da terra, mas a árvore continua lá, conforme árvore e raízes jazem sobre a terra, indefinidamente, até secarem. Precisamente, o desenraizamento como categoria psicopatológica implica que o indivíduo continua situado num contexto, mas do qual as raízes vitais estão extraídas. É essa dificuldade de movimento, na transformação do espaço familiar e da parentalidade, que leva os filhos a se destruírem a si e ao resto da família. A proposta terapêutica que vou avançar é a intervenção cognitivo-comportamental.

### ESTUDOS DE CASO: LUÍS, CLÁUDIA E SAULO

#### **Luís, 18 anos**

O Luís reside em Seia e está integrado num ambiente familiar minimamente funcional, mas com falhas na dinâmica interpessoal. O pai é muito passivo no papel paternal. O Luís afirma que o pai pouco dialoga com ele e sempre foi assim. Por outro lado, o pai tem a mesma postura na dinâmica familiar, delegando grande parte das

decisões. Quem detinha uma presença mais paternal seria o avô de quem Luís sente falta, mas por quem não manifesta, também, muitos afetos. Esta é, aliás, uma característica do Luís: a ausência de afetos, em relação a referências familiares pertinentes. A mãe, por sua vez, é extremamente preocupada e bastante controladora, mas algo ausente, do ponto de vista afetivo, procurando redimir-se dessa ausência, através da satisfação dos desejos materialistas de Luís, sem hesitar. O Luís não refere, porém, a mãe como um exemplo afetivo ou de referência maternal. Em contraste, aborda, com frequência, o papel da avó no sentido disciplinador e crítico, com uma personalidade vincada, pouco flexível e bastante conservadora.

Este jovem apresenta boas capacidades cognitivas, tendo uma percepção realista do meio onde se insere e sem distorções cognitivas de relevo, relativamente ao que é suposto desempenhar na sociedade, em termos funcionais e sociais. No entanto, assume que não sabe como reagir a essa exigência, admitindo, não raras vezes, não saber se é capaz de desempenhar as funções que lhe possam ser atribuídas. Além disso, em virtude de estar habituado a obter os bens materiais de forma relativamente fácil e sem esforço, acaba por não ter a noção do esforço que requer para concretizar um objetivo.

Por outro lado, o jovem reage mal, quando não consegue o resultado pretendido, mas resigna-se também rapidamente, não sendo persistente o suficiente, desinteressando-se com facilidade. Assim, desiste facilmente das tarefas e acaba por canalizar essa frustração para o mundo virtual, onde está fortemente vinculado. Consequentemente, não define grandes objetivos de vida, com receio da censura ou com medo que tais não se concretizem. Como referi, não está habituado a ser contrariado, mas também não revela sinais de agressividade. Em qualquer caso, denota alguns sinais de medo, em relação à avó e alguma revolta relativamente à passividade e desentendimento dos pais. Neste sentido, fecha-se no seu mundo virtual junto do computador, tendo muitos poucos amigos, bem como baixa competências sociais e dificuldades de interação com colegas, excepto se for através de redes sociais. No entanto, o jovem não apresenta sintomas psicopatológicos que sugiram perturbação de personalidade, nem preenche critérios associados a outros transtornos do foro emocional. Mas tem um problema de saúde, eczema atópico, que não menciona com muita frequência e que aceita como algo que faz parte de si. Apesar de admitir que, em certas alturas, o incomoda, por causa de alterações do sistema nervoso, afirma que a situação não é incapacitante, nem o deprime. No que diz respeito à auto-estima, não sendo das melhores, em virtude do eczema, não põe em causa, porém, a sua integridade

psíquica ou bem-estar pessoal, embora criando alguma introversão. Esta doença terá tido um papel importante na forma como tem vindo a ser superprotegido, ao longo dos anos. A mãe, em particular, procura protegê-lo, a todo o custo, e satisfazer todas as suas necessidades e pedidos.

Esta questão de saúde tem, conseqüentemente, influência numa manifesta atitude permissiva e controladora, por parte dos pais, constituindo, este tipo de atitude, um conhecido fator no desenvolvimento psíquico e na integração social dos filhos. No caso de Luís, este vazio emocional aparece aliado ao facto de ser filho único, bem como à questão de não saber o que pretende no futuro e a noção do seu verdadeiro potencial. Luís não consegue definir ambições profissionais ou pessoais concretas, alheando-se de um mundo real que lhe parece inadequado e para o qual não se sente apto.

A atitude do rapaz integra-se no conceito que designo de desenraizado, no sentido em que não se consegue identificar com nada em concreto, a não ser nas suas concretizações diárias, não investindo nessa busca pessoal já que tal necessidade não lhe foi incutida. O jovem não tem um relacionamento construtivo com os pais, havendo uma maior preocupação com o seu bem estar aparente e alguma intolerância com eles, especialmente com algumas atitudes da mãe e com o ambiente familiar desagradável que, muitas vezes, se gera. Luís não se encontra a ele próprio, com uma notória tendência para o isolamento e um empobrecimento das suas relações sociais, e conseqüente canalização dos seus interesses para o ecrã do computador, onde procura encontrar resposta às suas escassas ambições, ou uma qualquer alternativa à angústia que o caracteriza, por não saber o que fazer da vida. Neste sentido, o computador não é a causa, mas a consequência da alienação.

Desta forma, o Luís precisa de uma participação mais dinâmica da família e um melhor ambiente familiar/comunicação para compreender melhor as suas próprias emoções. Se, por um lado, tem valores e normas integrados, não tem, porém, objetivos que o motivem no médio e, muito menos, longo prazo, dado que a única coisa que pretende é estudar algo vagamente associado com a informática. É necessário que, além da mudança de atitudes dos pais, que a própria avó, importante na maturação e crescimento do neto, seja menos rígida e afetivamente mais acessível, uma vez que desempenha um papel maternal afectivo. O Luís poderá beneficiar de uma abordagem psicoterapêutica, no sentido de alterar cognições, crenças e ter uma melhor percepção de si próprio e acesso a maiores recursos de coping, para que deixe de estar formatado a depender das intervenções dos familiares próximos para encontrar soluções e da Internet, como escape ao mundo real que receia encarar.

### **Cláudia, 28 anos**

A Cláudia é uma jovem adulta que reside na cidade do Porto. Apesar das possibilidades de interação e socialização que poderia ter numa grande cidade, a jovem restringe-se ao espaço do seu quarto, dedicando-se a atividades solitárias, através da arte da pintura, em detrimento de ir procurar trabalho, algo que só teve de forma ocasional, mas do qual, entretanto, abdicou. Antes já tinha tentado o curso de arquitetura, mas acabou por desistir; saía de casa, supostamente para ir às aulas, mas, de facto, andava pela cidade e não frequentou cadeira nenhuma. Quando os pais descobriram, alegou que era vítima de discriminação por parte dos professores, por ter sido transferida de outra faculdade.

Ela é filha de um funcionário das finanças e de uma bancária. Tem um irmão mais novo de 22 anos, licenciado em tradução. O relacionamento com a mãe acaba por ser o mais próximo, caracterizado por alguma cumplicidade e afeto, mas que tende a degradar-se e a resultar em conflitos. Esta situação é particularmente evidente com o pai e irmão, com quem os conflitos são frequentes, tendendo, marcadamente, para um mau ambiente, sem gestos ou atitudes de conteúdo afetivo. A relação é, em particular, conflituosa com o irmão, acusando-o, frequentemente, nessas clivagens, de ser o responsável por ela ter perdido o seu lugar na família, quando ele nasceu.

Anteriormente à fase atual de quase total reclusão, e no que diz respeito à atitude em relação à família, a Cláudia era autoritária, conseguindo impor o seu ponto de vista, ou fazendo que o que ela queria prevalecesse. A passividade e permissividade dos pais resultou, gradualmente, em resignação relativamente às atitudes da filha que denota características associadas à ‘síndrome do imperador’. O nascimento do irmão, quando ela tinha seis anos, parece ter despoletado este tipo de atitude, gerando reações comportamentais inadequadas e destrutivas para a atmosfera familiar. Por isso, na adolescência, Cláudia já se comportava como o líder da família, monopolizando as decisões, interiorizando a ideia de que os pais, de uma forma ou de outra, obedeciam. Neste contexto, a Cláudia tinha a percepção que os pais admiravam as suas capacidades e talento artístico, em particular para o desenho, mas investiam pouca atenção, no que respeita aos seus objetivos académicos. Com o tempo, vendo que a filha começava muitos projetos, mas não terminava nada, começaram a expressar comentários depreciativos quanto ao seu desinteresse, apatia e falta de motivação para lidar com responsabilidades e projetos. Conforme as críticas cresciam, crescia a inclinação de Cláudia para o autoritarismo e o isolamento no quarto. O isolamento apenas expressava a sua dificuldade em encontrar uma atividade que lhe

proporcionasse maior independência ou autonomia. Ou seja, quanto mais se incompatibilizava com os pais, mais dependia deles. Além disso, isolamento passou a ser acompanhado, nas situações em que precisa circular pela casa, por comportamentos de irascibilidade e revolta. Este clima criou uma fratura no seio da família ruptura e sentimentos de culpa para os pais.

Neste sentido, a Cláudia faz um notório mau coping das situações, sem uma atitude adaptativa perante os problemas, não aceitando diferentes pontos de vista, porque os pais nunca conseguiram, de facto, libertar-se da culpa e ela usa a culpa como arma contra eles e o irmão. A reclusão no quarto representa o seu último reduto de poder, porque, fechada no quarto, sabe que destrói todo o ambiente familiar ou o que resta dele. O objetivo é a inculpação, ou seja, fazer sentir aos pais a culpa de terem falhado como pais, com o sofrimento de não saberem mais o que fazer, incluindo a imperativa recusa, por parte da filha, de apoio psicológico. Um aspeto fundamental da inculpação é acusar os pais de preferirem o irmão mais novo. O pequeno quarto em que se refugia expressa, assim, o gigantesco vazio em que vive, sentindo-se sempre pequena na capacidade de encontrar o seu lugar no mundo.

Numa análise comportamental, denota-se que os sinais apresentados pela Cláudia não se enquadram em nenhuma psicopatologia propriamente identificada, ou perturbação de personalidade, dado que não reúne os sintomas suficientes para esse quadro. Por isso, considero que o caso da Cláudia insere-se na noção de desenraizamento que proponho, nesta abordagem, dado que preenche os critérios já definidos anteriormente, como a tendência para o isolamento, uma desmotivação para quase tudo, excepto, em parte, no desenho e pintura; baixa tolerância à frustração ou à contrariedade; comportamentos de oposição e intolerância para com a família; atitudes manipulativas para culpar os outros da rua sem saída em que se tornou a sua vida. Mas, fundamentalmente, ela não encontra um lugar no mundo. Estas crenças irracionais e incapacitantes existem, de uma forma, ou de outra, em diferentes situações psicopatológicas, mas considero que a noção de ‘desenraizamento’ é mais consistente com o quadro apresentado por esta mulher de 28 anos, porque o seu problema último não é por não criar raízes numa família, numa profissão, ou num projeto de vida, mas por não conseguir ‘estar aqui’. A casa do pais, a sua cidade ou o seu país nunca foram a ‘casa’ de Cláudia, porque o mundo povoado por outros nunca foi o seu mundo.

### **Saulo, 20 anos**

O Saulo reside no Rio de Janeiro, mas, como Cláudia, passa a maior parte do tempo isolado no quarto. Ele começou o curso de cinema, mas não terminou. O contexto familiar, uma família de alta classe média, é tendencialmente disfuncional. O pai, um médico que deixou de trabalhar, apresenta problemas de alcoolismo e passa também a maior parte do tempo em casa. A mãe do Saulo é preocupada, mas ausente, por causa do trabalho como médica e gestora, dirigindo sozinha a clínica em que é sócia com o marido. Assim, ela procura compensar a ausência com a satisfação dos desejos do Saulo. Quando não tem o que quer, o jovem reage mal, revelando, também como Cláudia, uma inclinação para o a 'síndrome de imperador'. O rapaz demonstra uma notória falta de interesse em tudo o que o rodeia, excepto nos videogames, personificando uma atitude flagrantemente alienista. Em relação à realidade e a sociedade em redor, dizendo, frequentemente, que vai acabar o curso, mas nunca se decide.

Com exceção do alcoolismo do pai, não parecem existir outros antecedentes parentais sérios com possível influência patológica no comportamento do Saulo. A passividade/permisividade, na atitude parental, leva a que tenha desenvolvido uma baixa tolerância à frustração. Uma abordagem, ao caso Saulo, terá que incluir uma intervenção psicológica e pedagógica, incluindo os pais e a sua recapacitação de competências na definição de papéis.

Fundamentalmente importante, na análise da experiência de Saulo, mas também de Luís e Cláudia, é o desenraizamento como a expressão de que o mundo, para eles, vai se tornando grande demais. Uma das representações fundamentais da ideia de mundo, na tradição religiosa, filosófica e psicológica ocidental, é o inescapável existencialismo de que não é possível viver senão aqui, como uma fusão 'incorrigível' entre a vida e o mundo. Na filosofia existencialista propriamente dita, esta fusão assume a forma de uma prisão. Albert Camus fundamentalmente explorou, como é bem conhecido, esta ideia do mundo como prisão, incluindo no livro originalmente escrito em 1941, sobre o mito grego de Sísifo que, depois de carregar uma pedregulho por um monte acima, a pedra torna a rolar para baixo e Sísifo é obrigado, indefinidamente, a repetir o trabalho (Camus, 2010). A única forma de escaparmos daqui, segundo os diversos existencialismos, é pela morte. Na verdade, a experiência de desenraizamento que tento desenvolver é que este sentido do mundo como prisão ganha a forma de uma dificuldade de lançar uma âncora, ou raiz que permita criar laços estáveis entre vida e mundo, como a conjunção de 'estar aqui', ou o Dasein.

Precisamente pelo facto de que não há um lugar onde lançar esta ligação profunda, o mundo é, cada vez maior, ‘um vazio’. Por isso, como os casos de Cláudia e Saulo representam de uma forma particularmente dramática, o modo de escaparem deste encarceramento no vazio é a reclusão no quarto, no sentido de que o próprio apartamento onde vivem parece grande demais.

O que está em causa é que a fusão entre mundo e vida, que Heidegger designou de Dasein, é uma conjunção mundo-vida que não pode ser compreendida sem um princípio de articulação. Qual é a identidade do hífen em mundo-vida? Para os jovens, a família devia ser esse hífen. Na verdade, a quebra do hífen familiar é um problema presente em muitas outras situações da distopia da juventude no mundo de hoje, como as drogas, o álcool e a dissolução de hierarquia e autoridade familiar. A questão que procuro desenvolver propriamente como ‘desenraizamento’, porém, é uma área específica desta distopia ligada à quebra da articulação que a família representa na conjunção ‘mundo’ e ‘vida’. Repare-se que a ideia da reclusão e autoconfinamento no quarto significa que o jovem está, cada vez mais, imerso no reduto do espaço familiar, mas, ao mesmo tempo, está profundamente desligado desse mesmo espaço e sua sinergia de relações. O desenraizamento é, precisamente, esta contradição. Os jovens que, em diversas formas e graus de intensidade, rompem com a família, rompem, antes de mais, com o ‘estar lá’, rompem com o espaço da casa. No entanto, ao contrário, o desenraizado está, cada vez mais, prisioneiro no recesso de uma casa que, cada vez mais também, lhes é estranha. Por isso, no início do artigo, caracterizei esta situação com a metáfora da árvore arrancada com o vento, mostrando as raízes desventradas sobre a terra. A árvore não sai mais de lá, mas a ligação com a terra profunda que permite a continuidade da vida está quebrada.

Cada um dos três casos abordados referem diferentes estados de desenvolvimento do problema. Luís está numa fase de pré-desenraizamento. Saulo e Cláudia são casos crónicos de uma existência desenraizada, sendo que Cláudia passou já para um domínio que demonstra, de forma avançada, a carreira autodestrutiva desta situação. A questão criticamente importante é se, no estudo da causalidade e de estratégias psicoterapêuticas, a quebra da conjunção mundo-vida deve ser encontrada no quadro da própria quebra da parentalidade. É este problema que passo a desenvolver de seguida.

## DESENRAIZAMENTO E PARENTALIDADE: ABORDAGEM PSICOTERAPEUTICA E ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO

No que diz respeito às relações familiares e, particularmente, as interações entre pais e filhos, verifica-se, atualmente, a tendência para que os pais não façam uso do reforço positivo, quando há um comportamento socialmente ativo por parte dos filhos; no entanto, constata-se a utilização de punições como resposta a comportamentos desviantes (Mayer & Gongora, 2011). A questão é ajudar a criança a crescer e a desenvolver estratégias para lidar com o mundo em seu redor, no entanto esta tarefa parece cada vez mais elaborada e de difícil concretização.

No início dos anos 1970, Diana Baumrind (1971) conceptualizou diferentes estilos parentais, numa classificação que se mantém teoricamente atual e influente: estilo autoritário; estilo participativo ou autoritativo; e estilo permissivo. O meu argumento é que os comportamentos parentais, no caso de jovens ‘desenraizados’ da conexão mundo-vida se inserem num estilo permissivo de parentalidade. Este é caracterizado pela satisfação, por parte dos pais, de tudo o que os filhos desejam, incluindo necessidades e caprichos, não havendo exigências ou deveres para a conquista destes benefícios. Para aprofundar esta abordagem, Maccoby & Martin (1983) distinguiram, no interior do estilo permissivo, o estilo indulgente e o estilo negligente. O estilo indulgente significa que os pais não simbolizam um modelo, não exigindo, também, regras ou deveres, satisfazendo, simplesmente, todos os pedidos dos filhos. No caso do estilo negligente, verifica-se uma desresponsabilização gradual, por parte dos pais, limitando-se a satisfazer as necessidades das crianças, mas não se envolvendo, realmente, nas suas funções enquanto pais.

Este problema remete, igualmente, para a questão da autorregulação do jovem que Perrenoud (1999, p. 96) define como as ‘capacidades do sujeito para gerir ele próprio seus projetos, seus progressos, suas estratégias diante das tarefas e obstáculos’. Ou seja, todo o ser humano tem, ou devia ter, uma determinada autorregulação. No caso dos jovens, autorregulação significa a capacidade para crescente autonomia na vida. Segundo aquele mesmo autor:

Para aprender, o indivíduo não deixa de operar regulações intelectuais. Na mente humana, toda regulação em última instância, só pode ser uma autorregulação, pelo menos se admitirmos as teses básicas do construtivismo: nenhuma intervenção externa age se não for percebida, interpretada, assimilada

por um sujeito. Nessa perspectiva, toda ação educativa só pode estimular o autodesenvolvimento, a auto-aprendizagem, a autorregulação de um sujeito, modificando seu meio, entrando em interação com ele. Não se pode apostar, afinal de contas, senão na autorregulação. (Perrenoud, 1999: p. 96).

Nos três estudos de caso abordados acima (Luís, Cláudia e Saulo), há uma notória autorregulação deficitária, sendo que os jovens não conseguem lidar com a realidade cotidiana, o senso de futuro e mesmo consigo próprios, de forma produtiva. Com base nos três estilos parentais definidos por Baumrind, diversos estudos avaliam as consequências de determinados estilos parentais nos comportamentos dos filhos. Assim, concluiu-se, por exemplo, que uma baixa capacidade de lidar com conflitos (Miller, DiOrío & Dudley, 1999) e um escasso nível de autorregulação (Patock-Peckham, J. A., Cheong, J., Balhorn, M. E., & Nagoshi, C. T., 2001) são consequências centrais de um estilo parental permissivo.

Diversos estudos têm, sucessivamente, concluído acerca dos efeitos dos estilos parentais sobre os filhos (Bradenburg, Prado, Viezzer & Weber, 2004). Abordando os sub-estilos indulgente e negligente desenvolvidos por Maccoby e Martin (1983), identificam-se situações de jovens com sintomatologia depressiva, baixa auto-estima, escasso rendimento escolar (Siqueira & Gurgel-Giannetti, 2011), bem como dificuldades no desenvolvimento e problemas emocionais que correspondem, em particular, a um estilo parental negligente (Justo & Lipp, 2010). Se, por um lado, o estilo autoritativo é considerado proporcionar os melhores resultados, a vários níveis, os exemplos de Luís, Cláudia e Saulo, ao contrário, representam jovens inseridos em famílias com um estilo permissivo, tendendo o pai a representar mais a atitude negligente e a mãe a representar mais a atitude indulgente. Os filhos de pais com um estilo tendencialmente permissivo demonstram mais fragilidades, em virtude de uma maior dependência e inclinação para o facilitismo e a desresponsabilização.

Por este motivo, uma das abordagens terapêuticas que poderá ser benéfica, nestes casos, serão as psicoterapias cognitivo-comportamentais que, segundo Judith Beck (2011), procuram potenciar uma mudança cognitiva, tanto no pensamento, como no sistema de crenças de um indivíduo, promovendo a mudança de emoções e atitudes comportamentos. Esta abordagem poderá potenciar o sucesso terapêutico em casos de jovens desenraizados – conforme o conceito de desenraizamento é definido neste artigo, como uma desarticulação do Dasein mundo-vida – uma

vez que esta psicoterapia promove, através de estratégias integradas, o treino de habilidades sociais associado a mudanças das crenças irracionais, a fim de alargar a interação com a sociedade, a capacidade de lidar com a frustração e a competência para a autonomia.

## REFERÊNCIAS

- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Developmental Psychology Monograph*, 4, 1-103. doi:10.1037/h0030372
- Beck, J. (2011). *Cognitive behavior therapy: Basic and beyond*. The Guilford Press.
- Camus, Albert (2010). *O mito de Sísifo*. Bestbolso.
- Justo, A. P., & Lipp, M.E.N. (2010). A influência do estilo parental no stress do adolescente. *Boletim Académico Paulista de Psicologia*, v. 30, nº 79, 363-378.
- Maccoby, E. E., & Martin, J. A. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In P. H. Mussen, (Ed.), *Handbook of child psychology* (4th edition). New York: Wiley.
- Mayer, P. C. M., & Gongora, A. A. N. (2011). Duas formulações comportamentais de punição: Definição, explicação e algumas implicações. *Acta Comportamentalia*, vol. 19 monográfico, 47-63.
- Miller, J. M., DiOrio, C., & Dudley, W. (2002). Parenting style and adolescent's reaction to conflict: Is there a relationship. *Journal of Adolescent Health*, 1(6), 463-468.
- Patock-Peckham, J. A., Cheong, J., Balhorn, M. E., & Nagoshi, C. T. (2001). A social learning perspective: A model of parenting styles, self-regulation, perceived drinking control, and alcohol use and problems. *Alcoholism: clinical and experimental research*, 25, 1284-1292.

- Perrenoud, Ph. (1999). *Avaliação: Da excelência à regulação das aprendizagens*. Porto Alegre : Artmed Editora. (Tradução de *L'évaluation des élèves: De la Fabrication de l'excellence à la regulation des apprentissages*. Bruxelles: De Boeck, 1998).
- Siqueira, C. M., & Gurgel-Giannetti, J. (2011). Mau desempenho escolar: Uma visão atual. *Revista da Associação Médica Brasileira*, vol.57, n.1, 78-87.
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: O ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 3, 323-331.
- Willock, B., Bohm, L .C., & Curtis, R. C. (2011). *Loneliness and longing: Conscious and unconscious aspects*. Routledge.

**Sérgio Viana.**

Psicólogo Clínico no Hospital e no Centro de Saúde de  
Seia – Unidade Local de Saúde da Guarda.

## Resumo / Abstract

### **Um Mundo Grande Demais: Psicopatologia do Desenraizamento e Juventude**

O desenraizamento como condição de um número crescente de jovens tem pouco desenvolvimento teórico na Psicologia e, ainda menos, em psicopatologia. O que é proposto aqui é uma nova perspectiva analítica acerca deste conceito, no sentido em que desenraizamento não é uma crise de pertença a um lugar geográfico e os seus sistemas de relações sociais, mas um profundo desenraizamento em relação ao Dasein, ou a fundamental relação entre a vida e estar aqui no mundo. A origem desta condição e possíveis estratégias terapêuticas são abordadas, do ponto de vista da parentalidade e a terapia cognitivo-comportamental.

**Palavras Chave:** Desenraizamento, juventude, Dasein, parentalidade, terapia cognitivo-comportamental.

### **A Too Large World: Psychopathology of Rootlessness and the Youth**

Rootlessness as the condition of an increasing number of youths has little theoretical development in psychology and even less in psychopathology. What is proposed here is a new analytical perspective on this concept, in the sense that rootlessness is not a crisis of belonging to a geographical place and its systems of social relations, but a deep rootlessness in relation to Dasein, or the fundamental relation between life and being here in the world. The origin of this condition and possible therapeutic strategies are approached from the point of view of parentality and Cognitive Behaviour Therapy.

**Keywords:** Rootlessness, youth, Dasein, parentality, cognitive behaviour therapy.